

A importância das mulheres negras na enfermagem do Brasil e do mundo

The importance of black women in nursing in Brazil and the world

La importancia de las mujeres negras en la enfermería en Brasil y en el mundo

Valéria Joaquim de Oliveira Santos¹, Jessica Gonçalves da Costa², Fagner Alves Moreira Brandão³, Osmar Pereira dos Santos⁴, Iel Marciano de Moraes Filho⁵

Como citar: Santos VJO, Costa JG, Brandão FAM, Santos OP, Moraes Filho IM. A importância das mulheres negras na enfermagem do Brasil e do mundo. *REVISA*. 2023; 12(3): 443-62. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v12.n3.p443a462>

REVISA

1. Universidade Paulista, Campus Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0509-2405>
2. Universidade Paulista, Campus Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1441-6827>
3. Secretaria Estadual de Educação. Goiânia, Goiás, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-9251-3625>
4. Centro Universitário Goyazes. Trindade, Goiás, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-7962-622X>
5. Universidade Paulista, Campus Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0798-3949>

Recebido: 08/04/2022
Aprovado: 24/06/2022

RESUMO

Objetivo: compreender a importância das mulheres negras na enfermagem e sua representatividade. **Método:** trata-se de uma revisão historiográfica realizada através de um levantamento em base de dados eletrônicos, que foram capturados por meio dos descritores em Ciência da Saúde: "História da Enfermagem", "Cuidados de Enfermagem", "Enfermagem em Saúde Comunitária", "Biografia" e "Racismo", combinados pelo operador booleano "and", nos sites da Biblioteca Virtual em Saúde, da Scientific Electronic Library Online. Também foram utilizados documentos da literatura cinzenta e sites de domínio público. **Resultados:** foram avaliados 54 documentos relevantes ao estudo e que atenderam aos critérios de inclusão, sendo possível sistematizar e categorizar 13 mulheres negras que se destacaram na enfermagem e os seus principais feitos. Elas são: Mary Jane Seacole, Mary Eliza Mahoney, Mary Elizabeth Carnegie, Clara Adams Ender, Maria José Barroso ("Maria Soldado"), Maria Barbosa Fernandes, Lydia das Dores Matta, Maria de Lourdes Almeida, Josephine de Mello, Rosalda Paim, Izabel dos Santos, Maria Estella de Azevedo dos Santos e Ivone Lara. **Conclusão:** o negro, sobretudo as mulheres negras, sempre esteve ativamente envolvido no processo de cuidar, em todas as suas formas, porém seu protagonismo foi esquecido e invisibilizado, portanto, quanto mais se resgata fatos históricos e se coloca em evidência marcos que contribuíram para a mudança de paradigmas, menos riscos se corre em reproduzir e perpetuar histórias com protagonistas únicos. **Descritores:** História da Enfermagem; Cuidados de Enfermagem; Enfermagem em Saúde Comunitária; Biografia; Racismo..

ABSTRACT

Objective: to understand the importance of black women in nursing and its representativeness. **Method:** this is a historiographical review carried out through a survey based on electronic databases, which were captured through the descriptors in Health Science: "History of Nursing", "Nursing Care", "Community Health Nursing", "Biography" and "Racism", combined by the Boolean operator "and", on the websites of the Virtual Health Library, of the Scientific Electronic Library Online. Documents from grey literature and public domain sites were also used. **Results:** 54 documents relevant to the study were evaluated and met the inclusion criteria, being possible to systematize and categorize 13 black women who stood out in nursing and their main achievements. They are: Mary Jane Seacole, Mary Eliza Mahoney, Mary Elizabeth Carnegie, Clara Adams Ender, Maria José Barroso ("Maria Soldado"), Maria Barbosa Fernandes, Lydia das Dores Matta, Maria de Lourdes Almeida, Josephine de Mello, Rosalda Paim, Izabel dos Santos, Maria Estella de Azevedo dos Santos and Ivone Lara. **Conclusion:** black people, especially black women, have always been actively involved in the care process, in all its forms, but its protagonism has been forgotten and invisible, therefore, the more historical facts are rescued and milestones that have contributed to the paradigm shift are highlighted, the less risks are in reproducing and perpetuating stories with unique protagonists. **Descriptors:** History of Nursing; Nursing Care; Community Health Nursing; Biography; Racism.

RESUMEN

Objetivo: comprender la importancia de las mujeres negras en enfermería y su representatividad. **Método:** se trata de una revisión historiográfica realizado a través de una encuesta basada en bases de datos electrónicas, que fueron capturadas a través de los descriptores en Ciencias de la Salud: "Historia de la Enfermería", "Atención de Enfermería", "Enfermería en Salud Comunitaria", "Biografía" y "Racismo", combinados por el operador Booleano "y", en los sitios web de la Biblioteca Virtual en Salud, de la Biblioteca Electrónica Científica en Línea. También se utilizaron documentos de literatura gris y sitios de dominio público. **Resultados:** 54 documentos relevantes para el estudio fueron evaluados y cumplieron con los criterios de inclusión, siendo posible sistematizar y categorizar a 13 mujeres negras que se destacaron en enfermería y sus principales logros. Ellos son: Mary Jane Seacole, Mary Eliza Mahoney, Mary Elizabeth Carnegie, Clara Adams Ender, Maria José Barroso ("Maria Soldado"), Maria Barbosa Fernandes, Lydia das Dores Matta, Maria de Lourdes Almeida, Josephine de Mello, Rosalda Paim, Izabel dos Santos, Maria Estella de Azevedo dos Santos e Ivone Lara. **Conclusión:** las personas negras, especialmente las mujeres negras, siempre han participado activamente en el proceso de cuidado, en todas sus formas, pero su protagonismo ha sido olvidado e invisible, por lo tanto, mientras más hechos históricos se rescatan y se destacan los hitos que han contribuido al cambio de paradigma, menos riesgos hay en reproducir y perpetuar historias con protagonistas únicos. **Descritores:** Historia de la Enfermería; Atención de Enfermería; Enfermería en Salud Comunitaria; Biografía; Racismo

Introdução

Dentro do contexto da ciência, a enfermagem é definida como a arte do cuidar, particularidade de prestar assistência, não existindo um conceito único para defini-la, apenas algumas especificidades inerentes ao contexto vivencial que se complementam. Cada qual atende às necessidades de sua época e, assim, conforme o desenvolvimento da sociedade, surgem novas versões de conceituação, podendo ser mais complexas e com maior compatibilidade ao exercício profissional.^{1,2}

Historicamente o cuidado é peculiarmente vinculado ao cosmo feminino.³ Apesar dessa evidência, apenas de forma esporádica mulheres eram referidas nas narrativas históricas, principalmente as negras^{4,5}. Além disso, apesar de pouco difundidos, os cuidados e as práticas de cuidar sempre estiveram relacionadas aos costumes dos negros, pois, desde a era escravagista, as mulheres negras desempenhavam papéis, como mães pretas, amas de leite, parteiras, curandeiras, que tratavam das moléstias e de uma infinidade de outros afazeres dos quais eram incumbidas.⁶

Nesse sentido, a enfermagem ainda não era considerada uma profissão, e sim um ofício, principalmente caseiro, exercido por homens e mulheres de classes mais baixas, como também os escravizados. O conhecimento era baseado na medicina alternativa, mais instintivo e cultural, repassado e perpetuado de geração para geração. Posteriormente, por volta do século XVI, na Europa, o ofício já era visto como profissão, sobretudo pós-revolução industrial, e ganhou força no século XIX, devido à notoriedade de uma personalidade chamada Florence Nightingale.^{7,8}

No que tange o Brasil, foi somente na primeira metade do século XX que se iniciou o processo de institucionalização, mediado pela Cruz Vermelha Brasileira (Associação de Socorro Voluntário). Assim, a sessão feminina se deu pela criação de uma comitativa de mulheres da sociedade carioca que se voluntariaram como enfermeiras, ficando conhecidas como Damas da Cruz Vermelha Brasileira, que teriam, como primeira tarefa, a formação do corpo de enfermeiras voluntárias, no entanto a formação técnica científica só aconteceu por volta de 1930. Nesse contexto, subordinada ao Departamento Nacional de Saúde Pública, a Escola de Enfermeiras Ana Nery, no Rio de Janeiro, foi considerada a escola oficial padrão.^{7,8}

Logo, ao introduzir o cuidar no sentido de profissionalização na história da enfermagem, as mulheres negras não obtiveram notoriedade como protagonistas do cuidado. As primeiras escolas de enfermagem seguiam o modelo profissional anglo-americano, proposto originalmente por Florence Nightingale (1820-1910), que procurava transformar o termo, que outrora, nas abordagens clássicas, tinha sinônimo estereotipado, desabonador. Então, procurava-se dar nova expressão ao sentido da palavra, ampliando o *status* do cuidado.^{9,10}

Nessa perspectiva, selecionavam mulheres religiosas, de caráter ilibado, com formação educacional e vocacionadas para o cuidado, atributos que eram vinculados às mulheres brancas, essa era a figura da enfermeira retratada pelo modelo profissional anglo-americano. As mulheres negras, por sua vez, eram tipificadas como sinônimo de doença, incapacidade, fora dos padrões.^{9,10} Dessa

maneira, mulheres negras não eram bem-quistas nas primeiras Escolas de Enfermagem.¹¹

Em contrapartida, é importante salientar que qualquer sistema de desigualdade baseado na raça, que ocorra em repartições, corporações ou instituições, é conceituado como racismo institucional, o qual é formado quando a segregação étnico-racial é fomentada de forma sistemática nos seguimentos organizacionais. Ele pode vir caracterizado de várias formas, entre elas, práticas ou ações discriminatórias, preconceção racista e até mesmo desconsideração de marcos ou pessoas importantes de um contexto cultural.¹²

Nesse quesito, a Constituição Federal enfatiza a igualdade como direito, pois prevê, em seu artigo 5º, que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Também reitera, em seus objetivos fundamentais, que consta no artigo 3º, inciso IV, o “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Somado a isso, no Brasil, ainda há uma lei de número 7.716, de 5 de janeiro 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, ajudando no combate ao racismo e corroborando os direitos dos negros, o que consequentemente influencia de forma positiva no aspecto da profissionalização da mulher negra na enfermagem.^{13,14}

Ademais, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) designaram 2020 como o ano internacional dos profissionais da Enfermagem e das Parteiras, tanto promovendo o trabalho desenvolvido por enfermeiros quanto salientando as condições desafiadoras da categoria.¹⁵

Sendo assim, diante desse marco comemorativo e de inúmeras citações referentes a Florence Nigthingale (1820-1910), fundadora da Enfermagem Moderna, torna-se pertinente destacar a importância das mulheres negras, as quais também fizeram parte da história e que, apesar de serem muitas vezes esquecidas e negligenciadas, sobressaíram-se de forma grandiosa, corroborando a trajetória histórica da profissão.¹⁵

Dessa forma, surgiu o interesse em identificar quais foram as enfermeiras negras que se destacaram historicamente na enfermagem, objetivando compreender a relevância dessas mulheres e sua representatividade, uma vez que é de fundamental importância o fomento desse protagonismo.

Portanto, trazer essa reflexão para a área acadêmica possibilita ressignificar a própria história profissional da enfermagem, reconhecendo e contribuindo para que feitos tão admiráveis sejam propagados nas salas de aula, bem como tantas outras figuras memoráveis.

Método

Trata-se de uma revisão historiográfica, pois o método adotado para a pesquisa consiste na historiografia, que contempla o estudo dos fatos e dos eventos, em uma perspectiva temporal. Nesse contexto, são considerados: as fontes de informação, através de relatos escritos; os textos de qualquer gênero, documentos administrativos; a perspectiva temporal, analisando não somente os acontecimentos passados que estavam esquecidos, mas também observando como as coletividades e as comunidades procedem e se transformam com o

tempo; a perspectiva global, em que as narrativas de uma sociedade são a junção dos acontecimentos diários de cada indivíduo, ou seja, as histórias estão enlaçadas de forma que não podem se desligar, ou pelo menos estão propensas a isso.^{16,17}

Logo, a pesquisa dos artigos e periódicos foi realizada, inicialmente, através de uma busca sistemática, em bases de dados virtuais, de artigos publicados em periódicos científicos, que foram capturados por meio dos seguintes descritores em Ciência da Saúde: "História da Enfermagem", "Cuidados de Enfermagem", "Enfermagem em Saúde Comunitária", "Biografia" e "Racismo". Para tanto, foram utilizados os *sites* da Biblioteca Virtual em Saúde e da *Scientific Electronic Library Online*, mediados pelo operador booleano *and*.

Em seguida, outras referências, tangendo a literatura cinzenta, foram inseridas na revisão, obtidas através da busca em *sites* como: Periódicos da Universidade Estadual de Maringá, Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, Biblioteca Digital da USP (Teses e Dissertações) e Biblioteca Nacional, além de consultas a dissertações, teses e livros digitais.

Posteriormente, foi necessário abranger as buscas em *sites* dos Conselhos de Classe, como o do Conselho Federal de Enfermagem, e das seções do Conselho Regional de Enfermagem do Distrito Federal, de São Paulo e do Rio Janeiro, além de *sites* como os da Fundação Oswaldo Cruz, da Fundação Nacional de Saúde, do *African American Registry* e do *The History Makers*. Além desses sítios, foram consultadas algumas matérias no portal da TabUOL, no Sou Enfermagem, no Pensar a Educação e no Correio Bahia, dos quais foram extraídos dados complementares e relevantes à pesquisa.

Os critérios de inclusão utilizados para esta pesquisa foram: documentos que versavam sobre mulheres negras na enfermagem, incluindo biografias que relatassem a história sobre a vida e a carreira dessas mulheres; e data de publicação (escolhido um levantamento histórico com período compreendido desde os primórdios até os dias atuais). Já os critérios de exclusão foram: artigos ou materiais que não contemplavam a temática proposta ou que não estivessem disponíveis integralmente.

Em seguida, os textos que atenderam aos critérios de inclusão foram recuperados e analisados na íntegra, observando os devidos aspectos (temporal, fontes de informação e perspectiva global) para o objeto de estudo e temática pesquisada. Sendo assim, foram identificados um total de 63 documentos, dos quais 9 foram excluídos por não atender à temática, pois traziam aspectos relacionados ao tema, porém com outra abordagem.

Dessa forma, foi avaliado um total de 54 documentos, assim distribuídos: 28 documentos que incluíam artigos, periódicos e dissertação de mestrado; 23 matérias de *sites*, como os de conselhos de classe e de bibliotecas virtuais, *sites* do Ministério da Saúde, *sites* governamentais e de informação popular; 1 documento referente à Política Nacional de Saúde Integral da População Negra; 1 documento referente ao Projeto de Lei; e 1 Livro virtual. Devido a dificuldades de aquisição, não foi possível ter acesso a todas as referências publicadas no formato livro.

Resultados e Discussão

O Quadro 1 descreve o resumo dos principais feitos de 13 mulheres que desbravaram os primórdios da enfermagem e deixaram sua marca na história. No entanto, há de se ressaltar uma limitação para a pesquisa, pois dos 54 documentos analisados ou abordavam um aspecto histórico geral ou referenciavam apenas uma mulher e, em raras exceções, duas ou mais mulheres em seu contexto, tornando difícil o acesso a esses dados históricos, o que dificultou a análise quanto às enfermeiras negras estrangeiras.

Como resultado, o trabalho foi alinhado dando uma ênfase maior às enfermeiras negras brasileiras, em razão da acessibilidade de documentos históricos. Portanto, a representatividade da maioria que foi listada é do Brasil, seguida dos Estados Unidos e de uma representante da Jamaica.

Os feitos consoantes a essas mulheres são com relação a funções importantes que ocuparam na construção da história da enfermagem, como a participação em guerras, e também ao exercício de cargos de destaque, tais como: a representatividade em conselhos e associações; a atuação em diversas instâncias, desde o cuidado assistencial à educação; a preceptoria de estágios e representações de categorias profissionais e a mudança de paradigmas que realizaram. Nesse contexto, destaca-se o fato de conquistarem não só o registro de enfermagem, mas receberem títulos e homenagens.

Quadro 1- Resumo das enfermeiras negras e seus principais feitos.(n=13). 2022.

| Nome/País | Data | Universidade/ Área de formação | Feitos históricos |
|-----------------------------------------|------|----------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Mary Jane Seacole (Jamaica) | 1850 | Prática Empírica/Estudos de aprimoramento Enfermagem | <ul style="list-style-type: none"> • Atuou com médicos no atendimento aos doentes durante uma epidemia de cólera na Jamaica, em 1850; • Custeou, com recursos próprios, sua estadia na guerra da Crimeia em 1854; • Atendeu e cuidou de vários soldados feridos; • Reconhecida e honrada em seu país em 1991. |
| Mary Eliza Mahoney (EUA) | 1879 | <i>New England Hospital For Women and Children</i> Enfermagem | <ul style="list-style-type: none"> • Primeira negra a obter registro de enfermagem nos EUA; • Primeira afro-americana a ser diplomada pela <i>New England Hospital for Women and Children</i>; • Cofundadora da Associação Nacional de Enfermeiros Graduados Em Cor; • Uma das primeiras mulheres a se registrar para votar em Boston. |
| Mary Elizabeth Carnegie (EUA) | 1943 | <i>Hampton University</i> Enfermagem | <ul style="list-style-type: none"> • Participou efetivamente da <i>American Association for the History of Nursing</i>; • Defendeu a causa das enfermeiras afro-americanas; • Escreveu três edições do <i>The Path we Tread: Blacks in Nursing Worldwide</i>; • Recebeu oito títulos de Doutor <i>Honoris</i>, título mais importante concedido pelas universidades; • Foi nomeada lenda viva em 1994. |
| Clara Adams Ender (EUA) | 1961 | <i>North Carolina A&T State University</i> Enfermagem | <ul style="list-style-type: none"> • Ingressou como segunda tenente no corpo de enfermeiras do Exército dos EUA; • Tornou-se a primeira oficial do sexo feminino a receber distintivo de especialista em campo médico; • Foi designada como uma das 350 mulheres que mudaram o mundo pela <i>Working Women Magazine</i>; |

| | | | |
|--------------------------------------------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | | <ul style="list-style-type: none"> • Publicou sua autobiografia, intitulada “<i>My Rise to the Stars: How a Sharecropper’s Daughter Became</i>”. |
| <p>Maria José Barroso (“Maria Soldado”)</p> <p>(Brasil)</p> | 1932 | <p>Prática Empírica</p> <p>Atuação na Enfermagem</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Atuou como enfermeira na Revolução de 1932; • Recebeu título de “Mulher Símbolo” no jubileu de prata da Revolução de 1932; • Contribuiu para a consolidação da atuação negra na enfermagem. |
| <p>Maria Barbosa Fernandes</p> <p>(Brasil)</p> | 1938 | <p>Escola de Enfermagem Carlos Chagas</p> <p>Enfermagem</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Primeira mulher negra a graduar-se na Escola de Enfermagem Carlos Chagas; • Atuou como preceptora de estágio; • Fez parte, de forma atuante, da Associação Brasileira de Enfermagem de Minas Gerais (ABEn-MG). |
| <p>Lydia das Dores Matta</p> <p>(Brasil)</p> | 1947 | <p>Escola de Enfermagem da USP</p> <p>Enfermagem</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Atuou junto à Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn); • Ocupou cargos de destaque e liderança no campo da educação e formação da Enfermagem no Pará; • Assumiu a direção da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, no Rio de Janeiro; • Ajudou na transferência da capital do Rio de Janeiro para o Distrito Federal; • Foi nomeada para o Senado Federal. |
| <p>Maria de Lourdes Almeida</p> <p>(Brasil)</p> | 1947 | <p>Escola de Enfermagem da USP</p> <p>Enfermagem</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Foi docente de enfermagem em doenças transmissíveis, nas regiões de Manaus – AM, Belém e Santarém – PA; • Assumiu o cargo de chefe de enfermagem do Serviço Especial de Araraquara (SESA); • Teve um dos seus artigos publicados na Revista Anais de Enfermagem hoje atual Revista Brasileira de Enfermagem; • Homenageada pelos expressivos trabalhos desenvolvidos na área da saúde/enfermagem; • Uma escola de sua cidade recebeu seu nome. |
| <p>Josephine de Mello</p> <p>(Brasil)</p> | 1947 | <p>Escola de Enfermagem da USP</p> <p>Enfermagem</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Conquistou bolsa de estudos em Minnesota, EUA; • Ocupou cargos como provedora da Santa Casa de Misericórdia, em Manaus – AM; • Professora da Escola de Enfermagem do Amazonas e, após, instituída vice-diretora; • Precursora da Associação Brasileira de Paralisia Cerebral e vice-presidente do Conselho Regional de Enfermagem do Amazonas (Coren-AM). |
| <p>Rosalda Paim</p> <p>(Brasil)</p> | 1947 | <p>Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro</p> <p>Enfermagem</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Teve importante papel na consolidação da modernização da enfermagem brasileira; • Especializou-se nas áreas de administração hospitalar, saúde pública e pediatria; • Fez Mestrado na área de educação e doutorado em enfermagem materno infantil; • Eleita deputada, tornando-se a primeira enfermeira parlamentar e negra no Brasil. |
| <p>Izabel dos Santos</p> <p>(Brasil)</p> | 1950 | <p>Escola de Enfermagem Hugo Werneck</p> <p>Enfermagem</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Atuou em diferentes regiões do Brasil, trabalhando pelo Serviço Especial de Saúde Pública; • Foi professora na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco; • Consultora da OPAS, no período de 1976 a 1997; • Idealizadora do Programa Larga Escala. |

| | | | |
|-----------------------------------------------------|------|--------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Maria Estella de Azevedo dos Santos (Brasil) | 1945 | Escola de Enfermagem e Saúde Pública – BA (UFBA) Enfermagem | <ul style="list-style-type: none"> ● Foi visitadora sanitária por mais de 30 anos; ● Assumiu a cadeira 33 na Academia de Letras da Bahia. |
| Ivone Lara (Brasil) | 1939 | Faculdade de Enfermagem do Rio (UNIRIO) Enfermagem | <ul style="list-style-type: none"> ● Aprovada em concurso público para o Ministério da Saúde; ● Atuou no Serviço Nacional de Doenças Mentais; ● Usava a música para ajudar seus pacientes, juntamente com conhecimento em Enfermagem; ● Uma das primeiras assistentes sociais brasileiras. |

Ao analisar as enfermeiras supracitadas, foi possível constatar que, no cenário internacional, um dos nomes de maior evidência foi o de Mary Jane Seacole, denominada, por muitos combatentes de guerra, como "Mãe Seacole". Nascida em 23 de novembro de 1805, em *Kingston*, na Jamaica, quando esta ainda fazia parte da colônia inglesa. Filha de uma negra jamaicana livre e de um oficial escocês, teve sua mãe como preceptora nos ensinamentos da medicina alternativa e, desde tenra idade, acompanhava os cuidados prestados aos doentes acometidos por várias moléstias, não somente em seu país, mas em nações vizinhas. Era considerada crioula, obteve educação de qualidade e fazia parte da aristocracia jamaicana, porém com direitos políticos limitados.^{18,19}

Na sua juventude, em Londres, onde estava para aperfeiçoar seus conhecimentos, refutando mais uma vez a ideia de que negros não detinham capacidade intelectual, voluntariou-se para a comitiva de enfermeiras que seriam recrutadas para o atendimento de soldados na Guerra da Crimeia, sob coordenação de Florence Nightingale. Devido à recusa sofrida, utilizou-se de recursos próprios para viajar e custear sua estadia.^{18,19}

Assim, atendeu e cuidou de vários soldados feridos, independente do lado no qual estivessem lutando, e foi admirada por eles. Todavia, foram arrecadados fundos para seu sustento após o término da guerra, devido a dificuldades financeiras. Posteriormente, ao ter sua trajetória revelada por uma enfermeira inglesa, chamada Elsie Gordon, em 1973, através do resgate de sua autobiografia, Seacole, em 1991, foi reconhecida e honrada em seu país.^{18,19}

Outro grande nome foi de Mary Eliza Mahoney, primeira afro-americana a ser diplomada pela *New England Hospital for Women and Children*, em Boston, hoje denominado *The Dimock Center*. Nascida em 7 de maio de 1845, em *Dorchester, Massachusetts*, era a filha mais velha de 4 irmãos. Desde pequena, frequentava a igreja Batista, e seu interesse precoce pela arte do cuidado pode ter sido advindo de sua passagem, aos 10 anos, pela *Phillips Scholl*, que era reconhecida por ensinar, além de conhecimentos curriculares gerais, sobre humanidade e valores morais.²⁰

Ela ingressou em 1878 no programa da *New England*, em Boston, pioneiro em oferecer formação às mulheres para se profissionalizarem na área de saúde, campo que era predominantemente masculino. A formação de Mahoney exigia passar por critérios rígidos e intensos, envolvendo ensinamentos fornecidos por médicos, através de explanação nas alas de enfermagem e procedimentos beira leito, visando dessa forma obter conhecimento geral sobre a enfermagem.

Graduou-se em 1879 como enfermeira, primeira mulher negra com registro de enfermeira nos Estados Unidos.²⁰

Dessa forma, conquistou reputação trabalhando como enfermeira particular e, com suas habilidades pautadas em princípios éticos, lutou e desbravou cenários que outrora ainda vinculavam o trabalho da enfermagem a trabalhos domésticos, ajudando a aumentar o padrão e a valorização dos enfermeiros.²⁰ Dentre as inúmeras conquistas, destaca-se o fato de ela ter sido uma das primeiras integrantes negras a se juntar a *Nurses Associated Alumnae* dos Estados Unidos e Canadá (NAAUSC), que se tornou posteriormente a *American Nurses Association* (ANA), ainda hoje atuante. Uma associação que era composta predominantemente por membros brancos e que inicialmente não aceitava as enfermeiras afro-americanas.²¹

Então, foi na tentativa de banir do cenário da enfermagem a intolerância e preconceitos de raça/cor, que Mary Eliza Mahoney atuou como cofundadora da Associação Nacional de Enfermeiros Graduados em Cor (*National Association of Graduate Nurses of Color* – NACGN), que teve o importante papel de apoiar outros profissionais negros da área, promovendo o bem-estar e exercendo influência para que houvesse integração dos negros nessas associações que os excluía.^{22,23} Caminho este que não foi percorrido em vão, pois, no fim da Segunda Guerra Mundial, quase todas as associações estaduais de enfermeiras admitiram negros como membros e, em 1951, houve uma integração, incorporando a NACGN à ANA, que assumiu todas as funções da NACGN, e seus membros votaram pela extinção dela.^{22,23}

Em suma, após décadas atuando como enfermeira particular, tornou-se diretora do *Howard Orphanage Asylum* para crianças negras em *Kings Park, Long Island*, na cidade de *Nova York*. Foi umas das primeiras mulheres a se registrar para votar em Boston, além de obter êxito em sua profissão, pois foi reconhecida com inúmeros prêmios e memoriais, como o prêmio *Mary Mahoney*, que é uma medalha para aqueles que promovem as relações interpessoais na sua área, prêmio este que a ANA continua atribuindo até os dias atuais. Foi também inserida no *National Women's Hall of Fame em Seneca Falls, Nova York*, organização que reconhece conquistas de mulheres estadunidenses, e seu túmulo se tornou um memorial.²¹

Assim como tantos outros nomes afro-americanos, destaca-se o nome de Mary Elizabeth Carnegie, a qual iniciou seu bacharelado em *Hampton University*, na Virgínia, Estados Unidos. Universidade tradicionalmente negra que foi fundada em 1878 por líderes negros e brancos para oportunizar a educação a alforriados, após a Guerra de Secessão.^{24,25} Ela participou efetivamente da *American Association for the History of Nursing* (AAHN) até o último ano de sua vida. Essa grande mulher defendeu a causa das enfermeiras afro-americanas em todas as oportunidades que teve em palestras abertas sobre história, impreterivelmente ela esclarecia e indicava com o quê e como as enfermeiras negras estavam contribuindo no âmbito do que estava em discussão.^{24,25}

Ademais, foi inserida, em 1976, na Academia Americana de Enfermagem, foi mestre e reitora da Escola de Enfermagem na Flórida *A&M University*, de 1945 a 1953, como também presidente do Comitê Consultivo do Programa de Bolsas Minoritárias da *American Nurses' Association*, de 1988 a 1999. Escreveu três edições do *"The Path We Tread: Blacks in Nursing Worldwide"* (O caminho que

trilhamos: negros na enfermagem em todo o mundo), de 1854 a 1994, e, como integrante da equipe editorial, participou do “*The American Journal of Nursing*”.^{24,25}

Após aposentadoria, Carnegie ainda atuou em mentorias para Redação Científica e foi professora visitante na Escola de Enfermagem da Universidade de Hampton e da Faculdade da Carolina do Norte, entre outras. Além do mais, recebeu oito títulos de Doutor *Honoris*, título mais importante concedido pelas universidades, e foi designada em 1994 como Lenda Viva da Academia Americana de Enfermagem, sendo a maior honra que a profissão oferece, indicação esta que é concedida a pouquíssimas pessoas na enfermagem, em reconhecimento a seus feitos e colaboração, bem como ao impacto gerado na prestação de serviços, tanto nos Estados Unidos como no mundo.^{24,25}

Outra protagonista de destaque é Clara Adams-Ender, nascida em *Willow Springs*, Carolina do Norte, em 7 de novembro de 1939. Ingressou na Universidade Estadual Técnica e Agrícola da Carolina do Norte (uma das universidades historicamente negras na América) e conquistou seu diploma em enfermagem em 1961.^{22,26} Em seguida, como segundo tenente, passou a fazer parte do Corpo de Enfermeiros do Exército dos EUA. Foi treinada no *Brooke Army Medical Center* (Centro Médico do Exército Brooke), localizado em *Fort Sam Houston, Texas*, que até os dias de hoje é considerada a principal instituição médica do exército dos Estados Unidos. Em 1963, ela foi nomeada para servir no exterior, iniciou como enfermeira do 121º hospital de evacuação no Teatro do Pacífico, próximo à Coreia do Norte, e posteriormente serviu na Alemanha.^{22,26}

Assim, em 1964, ela regressou para *Fort Sam Houston*, onde trabalhou como instrutora de enfermagem médico-cirúrgica, tornando-se, em 1967, a primeira oficial do sexo feminino a receber distintivo de especialista em campo médico, o que a fez decidir retomar seus estudos, ingressando no mestrado na universidade de *Minnesota*.^{22,26} Logo após a conclusão do mestrado, trabalhou no *Walter Reed Army Medical Center* em *Washington, DC*, (Hospital Militar Nacional de *Walter Reed*, um dos mais proeminentes hospitais militares na região metropolitana de *Washington*, responsável por cuidar de vários presidentes do país desde o século 20). Sua função, inicialmente, era a de preceptora de enfermagem médico-cirúrgica, depois atuou como professora assistente, até o momento de sua promoção, em 1972, quando assumiu a coordenação de educação.^{22,26}

Ainda sobre seus feitos, em 1975, durante seu cargo de chefia no departamento de Enfermagem em *Fort Mead*, situado em *Meryland*, ingressou na Faculdade de Comando e Estado Maior do Exército dos EUA, no *Kansas*.^{22,26} Ademais, formou-se, em 1976, como a primeira mulher a ganhar um mestrado em arte e ciências militares na faculdade e, em 1982, no *Us Army War College* (Colégio de Guerra dos Estados Unidos), como a primeira oficial afro-americana do corpo de enfermeiras do exército. Além disso, em 1987, depois de trabalhar como chefe de Departamento de Enfermagem no 97º Hospital Geral e como chefe de Recrutamento de Enfermeiras no *Walter Reed Army Medical Center* (Hospital Militar Nacional de *Walter Reed*), foi promovida ao posto de Brigadeiro-General e tornou-se chefe do Corpo de Enfermeiros do Exército.^{22-24,26}

Já em 1991 foi escolhida para ser Comandante Geral em *Fort Belvoir*, na Virgínia, e ocupou essa função até 1993, ocasião de sua aposentadoria. Em 1996,

foi designada como uma das 350 mulheres que mudaram o mundo, pela “*Working Women Magazine*” (Revista Mulheres Trabalhadoras), sendo que atualmente ela é presidente da *Caring About People With Enthusiasm Associates, Inc.* (CAPE), instituição que presta consultoria de gestão de classe mundial cuja principal missão é fornecer serviços para cuidar de pessoas com entusiasmo. Assim sendo, esta célebre personagem, em 2001, publicou sua autobiografia, intitulada “*My rise to the stars: how a sharecropper's daughter became an Army general*” (“*Minha ascensão às estrelas: como a filha de um meeiro se tornou general do Exército*”).^{22-24,26}

Cabe ressaltar que, no Brasil, grandes nomes também trilharam pelo caminho da enfermagem, quebrando paradigmas e criando conexões para a história que hoje podemos vislumbrar. Desse modo, um dos grandes nomes a ser destacado é o de Maria José Barroso, posteriormente afamada como “*Maria Soldado*”, nascida em 9 de dezembro 1895, em Limeira, São Paulo. O contexto histórico era desafiador para os negros, pois, apesar da miscigenação brasileira, era propagado o branqueamento do povo, essa ação com cunho racista discursava sobre o futuro incerto da nação brasileira, pois esse fator conduziria o país à destruição.^{27,18}

Somado a isso, houve a Revolução de 1932, confronto armado entre forças representativas paulistas contra o governo de Getúlio Vargas, provocada por uma série de fatores, dentre eles a desvantagem no protagonismo político, uma vez que até 1930 São Paulo estava em ascensão devido às finanças advindas do café (Produtores de Café) e sua aliança com Minas Gerais (Produtores de Leite), o que se denominou a política do Café com Leite, além da exigência da formação de uma assembleia constituinte e eleições. Logo, ao eclodir a Revolução, houve a necessidade de arregimentar voluntários para o *front* de batalha.²⁷⁻²⁹

Sendo assim, Maria José Barroso, que trabalhava na cozinha da família Penteado Mendonça, alistou-se como enfermeira na Legião Negra, também conhecidos como “*Pérolas negras*”, grupo constituído por dissidentes da Frente Negra Brasileira, primeira organização negra no país. Porém, como os representantes da Frente Negra optaram pela neutralidade em face ao movimento armado, não se pronunciando a favor da luta contra o governo Federal, representado por Getúlio Vargas, esse grupo decidiu se arregimentar e ir ao *front* na esperança de novos tempos.^{29,30}

Ela inicialmente atuava como enfermeira (ofício atribuído às mulheres que iam ao *front*, pois a enfermagem era referida tanto no sentido de cuidar de feridos como de executar trabalhos domésticos, tais como: cozinhar, montar os farnéis e o cerzimento das fardas, o que se pode chamar de enfermagem pré-profissional) porém, posteriormente, no ardor do combate, ela foi à luta em frente de batalha, o que só foi descoberto após se ferir e precisar de cuidados.^{29,30}

Seus feitos foram reconhecidos pela imprensa de São Paulo, o que a levou a receber o título de “*Mulher Símbolo*” no jubileu de prata da Revolução de 1932. Entretanto, não há relatos oficiais de que Maria José Barroso tenha recebido treinamento ou que tenha frequentado escola para formação acadêmica e, apesar dos tabloides da época usarem o termo Enfermeira de uma forma abrangente, como uma função de retaguarda, as mulheres negras que compunham a Legião Negra não correspondiam à imagem que estava sendo difundida da enfermeira padrão, ou seja, branca, de classe média e de boa família. No entanto, sua

representatividade ajudou a contribuir para a consolidação da atuação negra na enfermagem, criando oportunidades, rompendo paradigmas e reescrevendo novos capítulos na história.^{18,30}

Após a Revolução, assim como tantos outros personagens que sobreviveram e que voltaram a sua vida cotidiana, Maria José Barroso novamente se dedicou a trabalhos domésticos e, no final de sua vida, após sua aposentadoria, sem nenhum valor monetário advindo de seu labor, vendeu doces e quitutes no Hospital das Clínicas em São Paulo. E, apesar de sua influente participação histórica, foi encontrada morta em um pequeno quarto, em um prédio da rua Consolação. Seus restos mortais se encontram no panteão dos heróis da Revolução.^{29,30}

Seguindo as representações brasileiras, um nome pouco divulgado, porém que exerceu sua profissão com brilhantismo, atuando de forma ímpar, é o de Maria Barbosa Fernandes, nascida em setembro de 1918 em Santa Bárbara, interior de Minas Gerais. Foi a primeira mulher negra a graduar-se na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, criada em 1933 em Minas Gerais, escola que inicialmente procurava seguir o modelo da “Enfermeira Padrão” do estilo profissional Norte-americano, porém, devido à diversidade de raça existente no Brasil, observaram que, com requisitos tão restritos e com as demandas de saúde se expandindo, não estavam tendo o retorno esperado, o que impôs às escolas da época a aceitação de ingressas fora do estereótipo branco estabelecido.³¹

Logo após realizar os devidos testes, adentrou na Escola de Enfermagem, cujas aulas eram ministradas na Faculdade de Medicina, sendo que, depois de formada, atuou no campo de saúde pública, realizando visitas domiciliares e tendo o cuidado e a visão de se atentar à individualidade social e à cultura das pessoas, bem como a seus cenários de fragilidade. Exerceu posteriormente a função de preceptora de estágio e fez parte, de forma atuante, da Associação Brasileira de Enfermagem, seção Minas Gerais (ABEn-MG).³¹

Não obstante, as primeiras negras procedentes de estados brasileiros pobres, como também bolsistas pelo Programa de Enfermagem mantido pelo Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), a integrarem o Curso Básico de Enfermagem na Universidade de São Paulo (USP), em 1943, foram: Lydia das Dores Matta, Maria de Lourdes Almeida, Josephina de Mello e Lucia Conceição. A Escola de Enfermagem da USP, criada em 1940, era a escola de maior projeção da América Latina na época e permanece até os dias atuais.²⁷

A exemplo, o Sesp foi fundado em 1942, por meio de acordo entre os governos brasileiro e americano, com o objetivo estratégico de organizar uma infraestrutura de saneamento em regiões produtoras de matéria-prima, tal como a região amazônica, de onde se extraía a borracha necessária ao reforço da guerra.³² Após a Segunda Guerra, o programa se expandiu para vários estados e atuava como unidade de saúde local em regiões pobres, com o foco em elevar os padrões sanitários dessas regiões interioranas brasileiras. Sobretudo, teve como norte a educação em saúde de escolares, treinando médicos, enfermeiros e engenheiros, sendo parte do plano para o avanço e desenvolvimento em saúde.³³

Logo, em 1969, passou a ser denominado como Fundação de Serviços de Saúde Pública (Fsesp) e, desde 1990, passou a denominar-se Fundação Nacional de Saúde.^{32,33} Nesse contexto, elenca-se o nome de Lydia das Dores Matta, fruto desse programa de enfermagem. Nascida em 5 de agosto de 1916, em Manaus-

AM, filha de um imigrante português naturalizado brasileiro e de uma costureira negra, ela se descrevia como parda e, desde a infância, mostrava admiração pela ilustre personagem de Ana Nery, como também pela renomada escola que levava seu nome.³⁴

Outrossim, Lydia não possuía riqueza com sua família, a qual primava por uma boa educação, o que lhe conferiu a oportunidade de ingressar como bolsista na Escola de Enfermagem. Entretanto, sua capacitação foi envolta de desafios e rotulada pelo racismo e preconceito por parte das veteranas, que se recusavam a aceitar a presença dessas mulheres na escola.³⁴

Todavia, mesmo sendo descrita como tímida em suas atitudes, mostrava-se determinada e ciente das suas vontades quando se tratava de sua formação e profissionalização. Após sua formação, participou do programa de enfermagem do Sesp na Amazônia, que obviamente fazia parte do acordo do programa, pois sua imediata contratação incluía ministrar aulas em escolas apoiadas pelo Sesp. Dessa forma, as bolsistas eram incluídas nos serviços de saúde pública em suas cidades de origem e contribuíam com o desenvolvimento de políticas públicas de saúde no Brasil.³⁴

Também atuou junto à Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) e, em sua trajetória profissional, ocupou cargos de destaque e liderança no campo da educação e formação da enfermagem no Pará, bem como assumiu a direção da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, no Rio de Janeiro, primeira Escola de Enfermagem no Brasil. Tais circunstâncias demonstravam que Lydia não desvalorizava as oportunidades que o título de enfermeira lhe oportunizava.³⁴

Assim sendo, ao findar seu período de trabalho na Escola de Enfermagem, atendeu aos pedidos do então presidente Juscelino Kubistchek para se juntar a um grupo de funcionários públicos para ir até Brasília, ajudar na transferência da capital, do Rio de Janeiro para o Distrito Federal, região central do país. Logo, após a instalação da administração na cidade, ela foi nomeada para o Senado Federal, fato importantíssimo, pois foi sua atuação nesse setor, juntamente com Diva Câmara, que possibilitou articular, junto à Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), o terreno para a construção da sede da ABEn. Portanto, ao percorrer os relatos sobre a vida de Lydia, é possível verificar que ela ratificou sua competência e conquistou respeito em sua trajetória.³⁴

Na sequência, pode-se destacar o nome de Maria de Lourdes Almeida, nascida em 1917, em Santarém-PA. Também bolsista pelo Programa do Sesp, teve sua formação educacional consolidada, deteve manejo com as palavras e sabidamente se portou frente às diversidades encontradas. A prática nessa época pairava no quesito de que, quando o negro era aceito, deveriam se esmerar em comprovar sua habilidade intelectual de forma incessante, para então poderem acessar centros de ensino e formação.³⁵ Dessa forma, a jovem paraense retornou ao seu estado, formada, em 1947, e trabalhou como docente de enfermagem em doenças transmissíveis, nas regiões de Manaus-AM, Belém-PA e Santarém-PA, no curso de auxiliar hospitalar, e visitadoras sanitárias e como chefe de enfermagem de saúde pública de Santarém-PA.³⁵

No mesmo ano, assumiu o cargo de chefe de enfermagem do Serviço Especial de Saúde de Araraquara (SESA), criado em 1947 pelo governo de São Paulo, para exercer, dentro da fronteira deste município, o papel sanitário, conjuntamente com o Centro de Aprendizado da Faculdade de Saúde Pública da

USP. Com toda certeza, um papel importante, pois atuava na formação de profissionais, bem como orientava estágios de Saúde Pública, parte integrante do currículo da Faculdade de Higiene e Saúde Pública e Escola de Enfermagem da USP.^{35,36}

Em virtude de sua visibilidade e rede de contatos, teve um dos seus artigos publicados na “Revista Anais de Enfermagem” (revista que em 1955 passou a ser denominada “Revista Brasileira de Enfermagem” – REBEn), tributado ao Sexto Congresso de Enfermagem realizado em São Paulo, onde ministrou palestras que deram origem ao tema: “Necessidade de melhor preparo em obstetrícia da enfermeira da saúde pública”, que escreveu em parceria com Inácia Augusto.^{35,37}

Dessa maneira, sua última e nobre homenagem recebida como enfermeira se deu pela 23ª turma de graduandos em enfermagem, sendo que mais tarde a escola de sua cidade receberia seu nome, sendo dessa forma imortalizada.^{35,38} Hoje a Escola Maria de Lourdes Almeida é um estabelecimento de ensino pertencente à Secretaria Municipal de Santarém, Pará, fundada em 1974. A escola recebeu esse nome em sua homenagem pelos expressivos trabalhos desenvolvidos na área da saúde/enfermagem.³⁸

Bem como as já citadas alunas que semelhantemente se graduaram na Escola de Enfermagem de São Paulo, enfatiza-se também a importância de Josephine de Mello, nascida em 21 de maio de 1920 em Manaus, Amazonas. Filha de pai brasileiro e de mãe caribenha, era uma enfermeira obstetra. Ela tinha formação como professora, pois cursou magistério pelo Instituto de Educação do Amazonas. Além disso, formou-se como socorrista pela Cruz Vermelha Brasileira de Manaus e ingressou na Escola de Enfermagem, rompendo tabus sociais por ser negra.³⁹ Em seguida, após sua diplomação, recebeu uma bolsa de estudos em *Minnesota*, Estados Unidos.

Também atuou em várias regiões do Norte, como Acre e Rondônia, bem como no Nordeste, em Pernambuco e no estado de Minas Gerais. Ocupou uma infinidade de cargos, como Provedora da Santa Casa de Misericórdia em Manaus, cargo que geralmente era vinculado ao gênero masculino, foi professora da Escola de Enfermagem do Amazonas e depois foi instituída vice-diretora ENFERMEIRA Josephine de Mello.³⁹ Ainda foi precursora e associada da Associação Brasileira de Paralisia Cerebral e vice-presidente do Coren seção-Amazonas, entre outros. Nos dias atuais, existe uma Unidade de Saúde da Família (USF), localizada no bairro de Jorge Teixeira, em Manaus, que recebe seu nome.³⁹

Concernente à graduação dessas figuras intrépidas, foi um legado extremamente relevante, uma vez que o caminho que permearam contribuiu significativamente para a participação do negro em cargos de direção nos programas de saúde.

Seguindo as representações, no estado do Espírito Santo, o nome de Rosalda Paim teve grande evidência. Nascida em Vila Velha em 1928, ingressou no curso de Enfermagem em 1947, na instituição denominada na época como Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, hoje UNIRIO, graduando-se em 1950.⁴⁰ Especializou-se nas áreas de administração hospitalar, saúde pública e pediatria. Fez mestrado na área de Educação e seu doutorado foi em Enfermagem materno-infantil.⁴⁰

Assim, teve importante papel no processo de modernização da enfermagem brasileira, na formação do enfermeiro e de profissionais de saúde. Detentora de uma visão holística para a saúde, pretendia uma ruptura com o modelo curativista e introduziu conceitos que ainda não eram debatidos e usados na saúde, como humanização, referência e contrarreferência, integralidade e hierarquização dos serviços. Ela também desempenhou papel na política brasileira, foi eleita deputada, tornando-se a primeira enfermeira parlamentar e negra do Brasil.⁴⁰

Outra representatividade é Izabel dos Santos, uma personagem respeitável no campo de formação de recursos humanos em enfermagem. Nasceu em Pirapora, Minas Gerais, graduou-se pela Escola de Enfermagem Hugo Werneck, hoje parte da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Também atuou em diferentes regiões do Brasil, trabalhando pelo SESP e como professora em Pernambuco, na Escola de Enfermagem da Universidade Federal. Além do mais, foi consultora da OPAS no período de 1976 a 1997 e teve uma relevante contribuição na formação profissional da enfermagem.⁴¹

Por outro lado, insatisfeita com a assistência à saúde ofertada, que não condizia com as necessidades dos usuários em saúde, bem como o descaso com a educação dos profissionais de ensino médio, foi a idealizadora do Programa Larga Escala, que tratava de uma capacitação para pessoas que estavam na área de saúde e que não tinham formação. Posteriormente, com seu término, neste mesmo âmbito, foi criado o programa de Profissionalização da Área de Enfermagem (PROFAE), o qual foi o maior plano estratégico para aperfeiçoamento da assistência prestada por trabalhadores nas unidades do Sistema Único de Saúde (SUS). O PROFAE foi configurado inicialmente para que tivesse uma atuação de quatro anos (2000-2004), porém houve a ampliação de suas ações, e o prazo foi repactuado até 2007.⁴¹

Entre os muitos nomes que já foram citados, uma mulher que representa Salvador - BA é a Maria Stella de Azevedo dos Santos. Ela nasceu em 2 de maio de 1925 e tornou-se enfermeira pela Escola de Enfermagem e Saúde Pública da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Como enfermeira, dedicou parte da vida aos cuidados da população mais carente, atuando na Secretaria de Saúde Pública do Estado da Bahia até se aposentar. Exerceu a função de visitadora sanitária por mais de 30 anos.^{27,42,43}

Outra atuante e comprometida com a causa negra, para a valorização e afirmação da cultura no Brasil, adentrou na literatura em 1988 e, em parceria com Cléo Martins, publicou o livro "E daí aconteceu o encanto", no qual a autora rememora suas raízes. Defensora árdua do candomblé, exigia respeito, porém não criticava nenhuma outra crença. Ademais, era detentora de grande conhecimento, entretanto não se sentia confortável em ser definida como intelectual. Assim, em 2013, após ter sido eleita por unanimidade, assumiu a cadeira número 33 na Academia de Letras da Bahia.^{27,42,43}

Outro ícone na história da enfermagem é Dona Ivone Lara, nascida em 13 de abril de 1921, no Rio de Janeiro, formada pela Faculdade de Enfermagem do Rio, atual UNIRIO. Logo após sua formatura, foi aprovada em um concurso público para o Ministério da Saúde e iniciou seu ofício no Instituto de Psiquiatria do Engenho de Dentro (RJ).^{27,44,45} Nessa instituição, sendo ela especialista em terapia ocupacional, atuava com Nise da Silveira, grande psiquiatra brasileira

que era contra mecanismos agressivos para tratamento de saúde mental. Ela usava a música, juntamente com os conhecimentos de enfermagem para ajudar seus pacientes, ofertando um trabalho humanizado na psiquiatria.

Essa assistência humanizada abriu portas para se discutir o fim do enclausuramento institucional para pessoas com transtornos mentais, sendo uma contribuição importante e significativa nessa área.^{27,44-46} Alguns anos depois, Ivone volta para a sala de aula e faz um novo curso, o de assistente social, sendo umas das primeiras assistentes sociais brasileiras. Dedicou-se totalmente à profissão e, após sua aposentadoria, tributou seus dias ao samba, sua outra grande paixão na música, dedicando-se exclusivamente a ele.^{44, 27,45}

Diante do exposto, ressalta-se que destacar a representatividade dessas mulheres na enfermagem é honrar sua contribuição e legado, uma vez que, enfrentando um cenário de adversidades e racismo, cooperaram com toda uma geração de enfermeiros negros de forma assertiva, pois, seja qual for sua ancestralidade, todo ser humano é valioso.^{18,47,48}

Ao analisar os dados, é possível identificar um número considerável de representantes negras na enfermagem, obviamente que não estão todas aqui representadas, uma vez que muitas tiveram não só suas histórias negligenciadas como também foram deixadas à margem da sociedade e da história da enfermagem.

No entanto, essa participação evidencia a assistência praticada por séculos na história do Brasil por ancestrais negros. Observa-se ainda que, ao longo da história, mesmo diante de trajetórias desafiadoras, superaram as adversidades, o racismo e o preconceito e assim tiveram resultados grandiosos. É plausível inferir que lentamente galgaram espaço e visibilidade na sociedade, não suficiente, pois atualmente ainda lidam com racismo velado, camuflado, que, apesar de vir nas sutilezas, não deixou de ser menos doloroso.

Porém, apesar das dificuldades, é possível constatar que as mulheres que tiveram oportunidade se destacaram e ocuparam papéis notáveis na Enfermagem. Logo, também podemos encontrar, hoje, professoras, doutoras e pesquisadoras. Fatos que refutam narrativas fundamentadas na segregação por cor/raça, que colocavam os negros em condição de subalternidade.

Com o propósito de fazer cumprir o que inicialmente foi escolhido na problematização, é salutar abordar a dificuldade em encontrar dados históricos como um fator limitante para os resultados desta pesquisa, o qual impossibilitou listar um número mais significativo de enfermeiras negras estrangeiras. Portanto, foi dada uma ênfase maior para as representatividades brasileiras, uma vez que os achados históricos foram mais acessíveis.

Considerações Finais

Por meio de uma revisão dos registros historiográficos que versam sobre a participação das mulheres negras na assistência de cuidados, é perceptível a razão que alguns autores tiveram com relação ao protagonismo esquecido e invisibilizado dessas mulheres. Fundamentos que colocam à tona o racismo estrutural que sempre existiu e ainda hoje é latente, mesmo que muitas vezes suavizado por discursos falaciosos ou movimentos que tentam disfarçar o que é real e tóxico ainda em dias atuais.

Ressalta-se, assim, que elas atuaram nas mais diversas instâncias, do cuidado assistencial à educação, preceptoria de estágio, como representantes de categorias profissionais, idealizadoras de programas, como Larga Escala, Academia de Letras, saúde mental, saúde pública e política, sendo destaque e exercendo suas funções com compromisso e responsabilidade. Entretanto, foram colocadas no anonimato, tendo seu protagonismo na enfermagem silenciado.

Rememorando os feitos de figuras tão célebres, conclui-se, de forma indiscutível, que o negro, sobretudo as mulheres negras, sempre estiveram ativamente envolvido no processo de cuidar, em todas as suas formas. Outro ponto a ser considerado é que, embora provenientes de classe baixa ou média, a maior parte dos nomes destacados, dentre tantos outros que contribuíram de forma única e que foram deixadas à margem da história, obteve acesso a uma educação de qualidade.

Certamente esse fato não diminui ou exclui o esforço e dedicação acima da média que tiveram. E, considerando a hegemonia do "branqueamento" que pairava no contexto vivenciado por muitas das que aqui foram listadas, por serem mulher e negra, destaca-se a dedicação incessante no aprimoramento do conhecimento que tiveram, sendo o esmerar-se o ponto chave para abrir as portas e desbravar, com autonomia e confiança, as oportunidades que surgiram.

Tais oportunidades aqui no Brasil não era devido ao fato de elas se empenharem e se destacarem entre muitas, mas por conta da demanda em saúde da época que crescia e era urgente. Dessa forma, detentores da classe dominante viram que permanecer na insistência de padrões tão rígidos, classicistas e eugênicos da "Enfermeira Padrão" (em que se ambicionavam representações de mulheres que fossem puras, associadas à benevolência e à castidade, qualidades que eram atribuídas às mulheres de cor branca, enquanto as negras eram estereotipadas como figuras hipersexualizadas, impuras e degeneradas) não traria o retorno esperado, por isso, em vista da miscigenação do povo brasileiro, viram-se pressionados a estender os critérios.

Nesse contexto, as mulheres negras entraram em cena, mesmo com todos os desafios que lhes foram impostos, subalternizadas, sofrendo discriminação e racismo, foram sinônimos de bravura, resiliência e determinação, obtendo êxito nessa árdua caminhada e deixando um legado que tão poucas vezes e de forma tão tímida foi externado. Indubitavelmente ainda se faz necessário muitos avanços, há a necessidade de mais visibilidade, oportunidade e reconhecimento, tanto relacionado a sua contribuição para a história, não somente da enfermagem, mas da sociedade em si, quanto melhorias em áreas que também sofrem violações recorrentes, como no campo econômico, cultural e ambiental.

Portanto, mesmo distante de cessar essa jornada, um fato inegável é que, através dos feitos dessas grandes mulheres na enfermagem, hoje podemos ver intelectuais, literárias, docentes, mestres, especialistas e doutoras negras. Quanto mais se resgata fatos históricos e se coloca em evidência marcos que contribuíram para a mudança de paradigmas, menos riscos se corre em reproduzir e perpetuar histórias com protagonistas únicos.

Agradecimento

Esse trabalho foi financiado pelos próprios autores.

Referências

1. Horta W de A. Conceito de enfermagem. In: Rev. Esc. Enferm. USP [Internet]. 1968Sep.1 [cited 2022Nov.23];2(2):1-5. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/141168>.
2. Moraes-Filho IM, Carvalho-Filha FSS, Viana LMM. O que é ser enfermeiro? In: Rev Inic Cient Ext. 2019; 2(2): 1-2.
3. Waldow VR, Borges RF. Cuidar e humanizar: relações e significados. Acta Paul Enferm 2011;24(3):414-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/MvcQR4bWHt4kcdD9DgyVCZh/?lang=pt&format=pdf>
4. Gonzales L. A categoria político-cultural de amefricanidade. IN: Rev. TB.1988;(92-93):69-82. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lesia-gonzales1.pdf>
5. Campos PF de S. História, mulheres negras e enfermagem brasileira. In: REA [Internet]. 2021;21(230):167-7. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/58389>.
6. Deiab R de A. A mãe-preta na literatura brasileira: a ambigüidade como construção social (1880-1950) [Dissertação de Mestrado on the Internet]. Universidade de São Paulo; 2006-09-15 [citado em 2022 Mar 18]. DOI 10.11606/D.8.2006.tde-04092007-123741. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-04092007-123741/pt-br.php>.
7. Ferreira LO, Azevedo N. Origem Social e Racial e a Formação de Enfermeiras Profissionais (1930-1960). In: Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). 2019;11(Ed. Especi):231-251. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2210268-origem-social-e-racial-e-a-forma%C3%A7%C3%A3o-de-enfermeiras-profissionais-brasil-1930-1960.
8. Boechat J. Mulheres negras romperam o paradigma da enfermeira padrão no início do século 20, revela pesquisa. Casa de Oswaldo Cruz. [Internet]. 2020 Mai 13 [citado em 2022 jul. 14]. Disponível em: https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1790-artigo-revela-como-mulheres-negras-romperam-o-estereotipo-da-enfermeira-padrao-no-inicio-do-seculo-20.html#!enfermeiras_historia2.
9. Barreira I de A. Os primórdios da Enfermagem Moderna no Brasil. Esc. Anna Nery Rev. Enferm. 1997; 23(1):1-5. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-284416>.
10. Campos PFS, Oguisso T, Freitas GF. Cultura dos cuidados: mulheres negras e formação da enfermagem profissional brasileira. Cultura de los Cuidados. 2007; 22:1-7. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6630/1/CC_22_05.pdf.
11. Ferreira LO, Salles RBB. A origem social da enfermeira padrão: o recrutamento e a imagem pública da enfermeira no Brasil, 1920-1960. Open Edition. 2019; 1-10. Doi: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.77966>.
12. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Política Nacional de Saúde Integral a População Negra Brasília: MS; 2007.
13. Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

14. Silva, CAB de S, Pereira, LI. O racismo recreativo 30 anos após a publicação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. In: Revista de Direito. 2021;13(2):1-32. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/revistadir/article/view/11497>.
15. Conselho Regional de Enfermagem. 2020 é o ano dos profissionais da Enfermagem, segundo OMS. [Internet]. 2020 Jan 15. [citado em 2022 jul 11]; Disponível em: <https://www.coren-df.gov.br/site/2020-e-o-ano-dos-profissionais-da-enfermagem-segundo-oms/>.
16. Padilha MICS, Borenstein MS. O método de pesquisa histórica na Enfermagem. Texto Contexto Enferm. 2005; 14(4):575-84.
17. Aróstegui J. A pesquisa histórica: teoria e método. Bauru (SP): EDUSC; 2006.
18. Löw, L. y Oguisso, T. Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história. Cultura de los Cuidados (Edición digital). 2018; 18(38)1-7. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7184/cuid.2014.38.9>.
19. Fonseca ALT. Mary Jane Seacole – a outra Florence Nightingale: homenagem à lembrança da heroína enfermeira negra hoje. COREN-RJ. [Internet]. 2020 Mai 14 [citado em 2022 abr. 6]. Disponível em: http://rj.corens.portalcofen.gov.br/mary-jane-seacole-a-outra-florence-nightingale_18499.html.
20. Instituto Sou Enfermagem. Mary Eliza Mahoney [Internet]. 2018 [citado em 2022 abr. 7]. Disponível em: <https://www.souenfermagem.com.br/fundamentos/mary-eliza-mahoney>.
21. Spring K. Mary Eliza Mahoney [Internet]. National Women’s History Museum. 2019 [citado em 2022 jul. 2]; Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/mary-mahoney>.
22. African American Registry. National Association of Colored Graduate Nurses founded - [Internet]. African American Registry. 2009 [citado em 2022 jul. 2]; Disponível em: <https://aaregistry.org/story/national-association-of-colored-graduate-nurses-founded/>.
23. Journal of the Registry. Clara Adams-Ender, oficial militar nascida [Internet]. Minneapolis-MN: African American Registry. [citado em 2022 jun. 29]; Disponível em: <https://aaregistry.org/story/clara-adams-ender-army-trailblazer/>.
24. American Association for the History of Nursing. Mary Elizabeth Carnegie, DPA, RN, FAAN, 1916-1918. [Internet]. 2018 [citado em 2022 jul. 4]; Disponível em: <https://www.aahn.org/carnegie>.
25. American Nurses Association. Mary Elizabeth Carnegie (1916-2008) 2000 empossada. ANA. [Internet]. 2022 [citado em 2022 jul. 4]; Disponível em: <http://ojin.nursingworld.org/FunctionalMenuCategories/AboutANA/Honoring-Nurses/NationalAwardsProgram/HallofFame/20002004Inductees/carnegie5520.html>.
26. The History Makers. Gen. Clara Adams-Ender’s Biography [Internet]. [citado em 2022 jun. 29]; Disponível em: <https://www.thehistorymakers.org/biography/gen-clara-adams-ender>.
27. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo - COREN [Internet]. Coren-SP. 2021 [citado em 2022 abr. 7]. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/11-enfermeiras-negras-que-fizeram-historia-mas-nao-foram-reconhecidas>.

28. Fundação Biblioteca Nacional. O fim da República Café com Leite e a Revolução de 1932, [Internet]. 2020. [citado em 2022 jul. 5]; Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/assuntos/noticias/o-fim-da-republica-cafe-com-leite-e-a-revolucao-de-1932>.
29. Tab Uol. Legião Negra: como a Revolução de 1932 possibilitou a afirmação do negro [Internet]. 2020 [citado em 2022 jul. 2]; Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/12/legiao-negra-como-a-revolucao-de-1932-possibilitou-a-afirmacao-do-negro.htm>.
30. Câmara Municipal de Limeira. Projeto de lei nº 99/2015 Perpetua o nome de “Maria Soldado” (Maria José Bezerra) em uma das ruas, avenidas, praças ou logradouros públicos no Município de Limeira. [Internet]. 2015 Disponível em: <http://siave.limeira.sp.leg.br/arquivo?id=47262>.
31. Santos FBO, Rabelo ARM, França BD, Carregal FAS, Marques RC, Silva KL. Black women in nursing history: the cultural competence in Maria Barbosa Fernandes’ trajectory. Rev Bras Enferm. 2020;73(Suppl 4):e20190221. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0221>.
32. Fundação Nacional da Saúde. Cronologia Histórica da Saúde Pública [Internet]. Brasil; 2017 ago. 07 [citado em 2022 abr. 24]. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/cronologia-historica-da-saude-publica>.
33. Fundação Nacional da Saúde. Antecedentes Históricos da Funasa [Internet]. Brasil: Ministério da Saúde; 2017 ago. 07 [citado em 2022 abr. 24]. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/web/guest/antecedentes-historicos-da-funasa>.
34. Campos PF de S, Carrijo AR. Ilustre inominada: Lydia das Dôres Matta e enfermagem brasileira pós-1930. Hist. cienc. saude-Manguinhos. 2019; 26 (1): 165-185. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000100010>.
35. Campos PFS. Memorial de Maria de Lourdes Almeida: história e enfermagem no Brasil pós-1930. Hist. cienc. saude-Manguinhos. 2013 abr-jun;20(2):609-625. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/BL6FwBCqCYKH6GMM3mcys5p/?format=pdf&lang=pt>.
36. Faculdade de Saúde Pública. Serviço Especial de Saúde de Araraquara - SESA [Internet]. São Paulo - SP - Brasil; 2022 Abr 27 [citado em 2022 abr 24]. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/site/institucional/mostra/635>.
37. Revista Brasileira de Enfermagem. Sobre a Reben [Internet]. 2018. [citado em 2022 Jul 7]; Disponível em: <https://reben.com.br/revista/sobre/>.
38. Mlourdes12. “Esc. M^a de Lourdes Almeida 47 Anos Educando.” 2009. [Internet]. 2009 [citado em 2022 Jul 7]; Disponível em: <https://mlourdes12.wordpress.com/2009/11/30/54/>.
39. Araújo CCO, Osis SL, Perdomo SB. Resistência e resiliência de uma intelectual negra na enfermagem do Amazonas. Pensar a Educação em pauta. [Internet] 2021 [citado em 2022 abr. 8]:1. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/resistencia-e-resiliencia-de-uma-intelectual-negra-na-enfermagem-do-amazonas/>.
40. Teixeira ER, Daher DV, Santana RF, Fonseca TC. Rosalda Paim: a nurse before her time. In: Online Brazilian Journal of Nursing. 2012 [citado em 2022 jul. 11] 11(2):408-17. Disponível em: <https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3967/html>.

41. Sena R, Silva KL. Izabel dos Santos e a formação de profissionais de enfermagem: capacidade de transformar o impossível em política pública. *Rev. Min. Enferm.* 2011;15(1):1-2. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/1>.
42. Literafro. Mãe Stella de Oxóssi - Literatura Afro-Brasileira [Internet]. [citado em 2022 jul. 7]. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/299-mae-stella-de-oxossi>.
43. Santana A, Lyrio A, Mancini G, Muniz T, Villarparando V. Enfermeira, escritora e mãe de santo: relembre história de Mãe Stella [Internet]. *Jornal Correio*. 2018 [citado em 2022 jul. 7]. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/enfermeira-escritora-e-mae-de-santo-relembre-historia-de-mae-stella/>.
44. Conselho Federal de Enfermagem. Morre D. Ivone Lara, enfermeira e ícone do samba brasileiro. [Internet]. 2018 [citado em 2022 jul. 8]; Disponível em: http://www.cofen.gov.br/morre-d-ivone-lara-enfermeira-e-icone-do-samba-brasileiro_61989.html
45. Letras. Conheça a biografia de Dona Ivone Lara, a nossa rainha do samba [Internet]. 2021 [citado 2022 jul 8]; Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/dona-ivone-lara-biografia/>.
46. Moraes Filho IM, Sousa TV, Carvalho Filha FSS, Arantes AA, Fonseca PP, Silva MVR. Eletroconvulsoterapia, implicações éticas, legais e a sistematização da assistência de enfermagem. *Glob Acad Nurs.* 2022;3(3):e269. Doi: <https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602>.
47. Santos VJO, Costa JG, Brandão FAM, Moraes Filho IM. Mudanças de paradigmas realizados por mulheres negras na enfermagem. *REVISA.* 2022;11(4): 276-82. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n4.p276a282>.
48. Pereira MC, Oliveira MLC, Santos AM, Costa FCS, Calassa JQ, Arantes AA et al. Resgate histórico da enfermagem global, brasileira e goiana: uma revisão narrativa de literatura. *IJDR.* 2020;10(11):42239-42247.

Autor de correspondência

Iel Marciano de Moraes Filho
Universidade Paulista
SGAS SUL /Q 913 /CJ B00913. CEP: 7000-000-
Asa Sul. Brasília, Distrito Federal, Brasil.
ielfilho@yahoo.com.br